

DO LAR AO FEED: O RETORNO DAS ESPOSAS TRADICIONAIS A PARTIR DAS MÍDIAS DIGITAIS

Isadora Nogueira dos Santos Montenegro¹
Clara de Paula Santana Jamil²

RESUMO

Este trabalho problematiza e investiga o crescimento da figura da esposa tradicional - popularmente conhecidas como tradwives, ou ainda, esposas troféus - nas redes sociais. Na contracorrente da mulher contemporânea feminista, as esposas tradicionais buscam o resgate de uma feminilidade arraigada aos moldes conservadores de casamento, família e relações heteronormativas, além do reforço da mulher dócil e submissa. Utilizando das mídias digitais, como Facebook, Instagram e Tiktok, o movimento das Tradwives faz uso de discursos visuais e estéticos para promover o ideário de uma “esposa ideal”, comumente intrínsecos a comunidades religiosas e grupos étnicos. Através de uma abordagem de natureza qualitativa e interdisciplinar, o presente trabalho articula contribuições dos estudos de gênero e cultura digital para compreender de que maneiras essas performances online reforçam papéis de gênero conservadores, e, que muitas vezes, estão como uma resposta à emancipação feminina e aos discursos feministas contemporâneos. Argumenta-se que, embora revestidas por uma estética acolhedora de boas mães e esposas, e por um suposto empoderamento, esse movimento busca contribuir para a reatualização de discursos patriarcais sob uma nova roupagem digital, estando atrelado a setores conservadores da sociedade. Sendo o ambiente online importante formador de valores e necessidades do sujeito do tempo presente e atuando enquanto ferramenta educativa, a performance das esposas conservadoras nas redes sociais têm alcançado grande público, demarcando uma reconfiguração das dinâmicas de gênero sob a perspectiva do saudosismo a organizações familiares tradicionais.

Palavras-chave: Esposa Tradicional; Mídias Digitais; Conservadorismo; Estudos de Gênero; Cultura Digital.

INTRODUÇÃO

Articulando-se enquanto uma nova roupagem do conservadorismo, emerge no mundo virtual as esposas tradicionais. Atuando como influenciadoras em redes sociais como TikTok, Facebook e Instagram - mídias de grande alcance na atualidade - as esposas tradicionais, também conhecidas como *esposas troféus*, ou ainda, *Tradwives*³, são mulheres organizadas em um movimento de conservação do *status quo*. Dessa forma, defendem uma concepção de mulher restrita à atuação enquanto mãe e esposa, performam docilidade e submissão e comumente estão atreladas a discursos religiosos

¹ Pedagoga (UERJ) e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ProPed/UERJ; Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); isamontped@gmail.com.

² Psicóloga, Pedagoga e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ProPed/UERJ e bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ); psiclaraajamil@gmail.com

³ A expressão advém da língua inglesa e é um diminutivo para “Traditional wives”, que tem como significado “esposas tradicionais” na tradução para a língua portuguesa.



fundamentalistas, de figuras políticas da ultra direita e de uma valorização étnica em detrimento das demais. Fazendo uso da potencialidade de disseminação de ideias proporcionada pelas mídias digitais, essas mulheres utilizam tais plataformas para o reforço da heteronormatividade e noções rígidas relacionadas ao gênero, ignorando - e por vezes criticando - os avanços conquistados pelo movimento feminista.

Tida como uma das precursoras das *Tradwives*, Hannah Neeleman (dona do perfil @ballerinafarm) personifica a essência do movimento: é uma mulher branca, casada, mãe de oito crianças - que são educadas em casa- , que abdicou de sua carreira enquanto bailarina de uma grande escola de balé para passar seus dias assando pães em sua fazenda ampla e moderna enquanto veste vestidos floridos. Apesar de performar nas redes sociais uma vida simples no campo, seu marido é herdeiro de companhias aéreas. Hannah Neeleman e seu companheiro cresceram enquanto membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, uma comunidade cristã restauracionista. Mobilizando 10,4 milhões apenas no Instagram, Neeleman aparece como umas das principais representações das esposas tradicionais no mundo virtual, influenciando outras mulheres a almejem seu estilo de vida.

Em uma retomada conservadora mundo afora, como uma resposta aos avanços proporcionados pela organização sistemática de resistência e transformação social pelas mulheres, grupos tradicionalistas se articulam pela manutenção da homogeneidade no que diz respeito aos estereótipos de gênero, heteronormatividade, afetos religiosos e configurações familiares. Na contramão de desqualificar mulheres que escolhem ser mães, esposas e/ou donas de casa, o objetivo é, na verdade, a possibilidade da não submissão a este destino enquanto o único possível, entendendo que tal crescimento é reflexo do saudosismo atual.

A retórica da perda pode ser considerada como uma tática discursiva articulada por diferentes lideranças sociais e políticas (dentre elas, religiosas) baseada em um imperativo: o retorno da ordem, da previsibilidade, da segurança, da unidade, da autoridade (Vital da Cunha, 2025, p. 5).

Com a retórica da perda, Vital da Cunha (2025) argumenta que tal discurso se ancora na percepção de que, motivados pelas mudanças sociais vivenciadas em todo o mundo com os movimentos feminista, LGBTQIA+ e negro, grupos e culturas antes marcados pela dominação, agora perdem espaço para uma concepção de direitos que interessem a todos os humanos.



METODOLOGIA

Este trabalho, de abordagem qualitativa, tem como metodologia revisão bibliográfica nas áreas de gênero, feminismos, conservadorismos e interseccionalidades. Dessa maneira, diálogos são tecidos com teóricas como bell hooks, Betty Friedan, Silvia Federici e Audre Lorde, com o objetivo de articular o crescimento das esposas tradicionais nas mídias digitais enquanto novos arranjos de organização dos setores conservadores na contemporaneidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O movimento em prol do retorno da esposa tradicional reforça as noções de gênero no comportamento dos homens e das mulheres, afirmando-as como inerentes e naturais. Aos homens, é esperado que este seja forte, um provedor cujo trabalho é exterior ao lar. À mulher, que esta seja uma boa mãe e esposa, sendo harmoniosa e fique responsável pelos cuidados domésticos. Dessa forma, os favoráveis afirmam que estão a retornar para a natureza humana, tendo sido esta danificada pelas organizações pró direitos humanos, como o feminismo e a comunidade LGBTQIAPN+. Reforçando o machismo ao defender noções estáticas e retrógradas de gênero, as *tradwives* colocam-se em uma relação de submissão perante os homens, e, uma vez que “a masculinidade patriarcal exige que meninos e homens não só se vejam como mais poderosos e superiores às mulheres, mas que façam o que for preciso para manter sua posição de controle” (hooks, 2021, p.70), o movimento das esposas tradicionais configura-se como mais um aparato dos setores conservadores de preservação da família nuclear patriarcal.

Apesar dos movimentos conservadores nas redes sociais apresentarem a posição de esposa troféu como o ideal moral para mulheres, buscando influenciar outras, este é um caminho possível para uma pequena parcela de pessoas, afinal, quantas mulheres têm a escolha de decidir não trabalhar fora? Quantas podem sustentar vários filhos? Este movimento é, em sua essência, da branquitude e de uma determinada elite social. Mulheres negras, pobres, moradoras da periferia, com deficiência e mães solo, mesmo que almejem o estilo de vida das *tradwives*, não podem abrir mão do trabalho que representa a própria sobrevivência e a dos filhos. Assim, as *trends* divulgadas amplamente nas mídias, só representam uma real possibilidade para mulheres brancas, casadas e ricas que encontram privilégio e status social na submissão ao marido.



(...) mulheres brancas encaram a armadilha de serem seduzidas a se unir ao opressor sob o pretexto de compartilharem o poder. Essa possibilidade não existe nos mesmos moldes para mulheres de cor. (...) Para mulheres brancas, existe uma ampla gama de pretensas escolhas e recompensas em troca de se identificarem com o poder patriarcal e suas ferramentas. (Lorde, 2019, p. 140).

Combinados com as potencialidades favorecidas pela internet, este movimento articula o apelo ao antigo com artefatos culturais da contemporaneidade. As redes sociais estabelecem, na atualidade, facilidade para propor novas configurações sociais ou o reforço do que é antigo. Seu poder de influência possibilitou a criação de um novo ofício - as influenciadoras digitais. Estes novos trabalhadores são responsáveis por vender produtos e, ainda, vender estilos de vida (são as influenciadoras de *lifestyle*). Dado a isso, as potencialidades das esposas tradicionais de persuasão são consideráveis, uma vez que o digital está cada vez mais presente na vida social. No Brasil, 93,6% dos domicílios do país contam com acesso à internet, avançando a cobertura inclusive em áreas rurais (alcance de 81% de domicílios).

Lançado em 1963, resultado de anos de pesquisa realizadas pela teórica Betty Friedan, o livro “A Mística Feminina” é considerado um clássico dos estudos feministas. Escrito a partir de uma extensa pesquisa bibliográfica, juntamente com entrevistas realizadas a donas de casa dos Estados Unidos, Betty retratou as estadunidenses dos anos 50 sendo manipuladas pela sociedade de consumo. Vivendo um boom econômico pós Crise de 1929 e pré Segunda Guerra Mundial, o cenário era de que, mantendo as americanas em casa, estas passariam a consumir cada vez mais. Para criar condições para que isto acontecesse, uma vez que o ensino superior já era vislumbrado enquanto direito há algum tempo, criou-se um anseio pela vida doméstica. As universidades passaram a ser lugar para se encontrar um marido. A cultura fazia apelo para o retorno da mulher no cuidado do lar. Como resultado desta remodelação, mulheres americanas país afora passaram a relatar um desconforto com suas realidades.

“[...] Sou uma copeira, babá, arrumadeira, a pessoa requisitada para qualquer coisa. Mas quem sou eu?” (Friedan, 1971, p. 22).

“[...] Um dia, acordei e descobri que não tinha nenhum objetivo de vida” (Friedan, 1971, p. 23).

“[...] Tenho a impressão de que não estou viva” (Friedan, 1971, p. 23).

“O problema é ser sempre a mamãe dos filhos, ou a senhora do ministro, nunca eu própria” (Friedan, 1971, p. 27).

Como contraponto, argumentou-se que estas donas de casa não precisavam se preocupar com o mercado de trabalho, tampouco precisavam sair de suas casas, logo não havia do



que reclamar. “O problema era afastado dizendo-se a dona de casa que ela devia compreender o quanto era feliz: dona de si mesma, sem horários, sem competição (Friedan, 1971, p. 24).

Em “O Calibã e a Bruxa” (2023), Silvia Federici relaciona a transição do feudalismo para o capitalismo na Europa não apenas como uma transição de sistemas econômicos, mas de novas formas de organização social e de gênero. Para a implementação e fortalecimento do sistema capitalista fazia-se necessário delegar as funções de cuidado (alimentação, limpeza doméstica e cuidado da prole), além da geração de novos trabalhadores à um grupo. Dessa forma, foi imputado socialmente às mulheres que sua atuação na engrenagem capitalista era o de “dona de casa”, cuidadora do trabalhador (seu marido) e responsável pela manutenção e procriação dos futuros trabalhadores (seus filhos).

No Brasil, uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022 e que contou com a participação de indivíduos de todo o país mostrou que as mulheres passam cerca de 21,3 horas por semana em serviços domésticos e de cuidado, enquanto os homens gastam 11,7 horas nessas funções. Como único fim tolerado, a vida doméstica pode configurar-se como causador de sofrimento psíquico para as mulheres.

A hipervalorização da família nuclear como aposta de modelo a ser adotado por todos reforça a individualização dos sujeitos, e ainda, enfraquece o senso de comunidade na sociedade. A teórica bell hooks sustenta que é importante valorizar a família estendida, sendo esta aquela que é constituída para além dos pais e irmãos.

Com o estímulo ao afastamento das famílias nucleares da família estendida, mulheres foram obrigadas a se tornar mais dependentes de um homem, e as crianças, mais dependentes de uma única mulher. É essa dependência que se tornou e continua sendo o solo fértil para os abusos de poder. O fracasso da família nuclear patriarcal tem sido amplamente documentado. Frequentemente exposta como disfuncional, como um lugar de caos emocional, negligência e abuso, apenas aqueles em negação continuam a insistir que esse é o melhor ambiente para educar crianças (hooks, 2021, p. 144).

Dessa maneira, a família estendida se coloca enquanto possibilidade de formação de comunidades fortalecidas, colocando-se a par perante a família nuclear em níveis de importância. Uma vez que a cultura patriarcal ancora-se na afirmação da família, e sendo esta formada por pai, mãe e filhos, onde a mulher e as crianças estão sujeitas ao homem, faz-se essencial o reforço de novas configurações possíveis de



família, além da valorização das comunidades estabelecidas aquém das correlações sanguíneas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que envoltos pela percepção simplista de que o retorno das esposas tradicionais implica somente enquanto uma forma de configuração familiar, este modelo de família baseia-se em estruturas de reforço ao patriarcado, às noções de uma natureza essencialista à figura do homem e da mulher e ao ataque aos avanços sociais na perspectiva dos direitos humanos. Sendo assim, tal movimento conservador comumente aparece atrelado à repulsa aos corpos que dissidem da norma. Ainda, faz apelo ao consumo de bens e a um estilo de vida de ostentação, estando à serviço dos avanços capitalistas, mas podendo ser seguido apenas por uma pequena parcela de indivíduos.

O reforço dos cuidados domésticos direcionado exclusivamente às mulheres causa o adoecimento físico e psíquico, além da sobrecarga de tarefas a esses sujeitos, privando-os das dimensões de uma vida pública, do fortalecimento da subjetividade, autonomia e crescimento pessoal das mulheres, questões caras ao patriarcado e ao capitalismo.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Internet chega a 74,9 milhões de domicílios do país em 2024. Brasília, 2025. Disponível em: agenciagov.ebc.com.br/noticias/202507/internet-chega-a-74-9-milhoes-de-domicilios-do-pais-em-2024. Acesso em 06 Set 2025.

AGÊNCIA BRASIL. Pnad: mulheres gastam quase o dobro de tempo no serviço doméstico. Brasília, 2023. Disponível em: agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-08/pnad-mulheres-gastam-quase-o-dobro-de-tempo-no-servico-domestico. Acesso em 06 Set 2025.

FEDERICI, Silvia. O Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. 3. ed. São Paulo: Elefante, 2023.

FRIEDAN, Betty. A mística feminina. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1971.

HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

LORDE, Audre. Irmã outsider. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Autêntica, 2019.

VITAL DA CUNHA, Christina. 2025. Religião, masculinidade viril e retórica da perda na política brasileira pós-Bolsonaro. Religião & Sociedade. Rio de Janeiro, 45(2).

